



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: PARA  
ALÉM DE UMA VISÃO MÍTICA**

**Caroline Terra de Oliveira<sup>1</sup>**

**Vanderlise Barão<sup>2</sup>**

**Maria de Fátima Santos da Silva<sup>3</sup>**

**Cauê Canabarro<sup>4</sup>**

**RESUMO:** O presente trabalho debate a temática indígena na escola a partir dos conflitos sócio-ambientais que atingem o contexto de vida destas populações. Além disso, enfoca-se a discussão sobre as problemáticas que perpassam essa instituição e a formação dos educadores, sobre os desafios e as possibilidades que enfrentam atualmente ao abordarem esse assunto em sala de aula. Destaca-se que as reflexões são fruto da troca de conhecimentos e saberes construídos a partir de um curso de extensão intitulado “*A temática indígena na escola: discutindo práticas pedagógicas e saberes docentes*”, realizado na Universidade Federal do Rio Grande.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental. Povos indígenas. Escola. Formação de educadores.

**ABSTRACT:** This paper discusses the indigenous theme in school from the socio-environmental conflicts affecting the life context of these populations. Moreover, the discussion is focused on the problems that pervade that institution and the training of educators on the challenges and opportunities that face today when comment this issue in the classroom. It is emphasizes that the reflections are the result of the exchange of knowledge and expertise built up from an extension course entitled "The indigenous theme at school: discussing teaching practices and teacher knowledge," held at the Federal University of Rio Grande.

**Keywords:** Environmental Education. Indigenous peoples. School. Training of educators.

---

<sup>1</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande, Especialista em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul e Mestre em Educação Ambiental pela mesma instituição. Grupos de pesquisa: Educação Ambiental Não-Formal e Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética Onífrica (NUPEEO). E-mail: [carolineambiental@hotmail.com](mailto:carolineambiental@hotmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002) e mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Doutorado em andamento em Programa de Pós Graduação em História - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: [xuxuvander@hotmail.com](mailto:xuxuvander@hotmail.com).

<sup>3</sup> Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande, especialista em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul e mestre em Educação Ambiental pela mesma instituição. Professora de História da rede municipal da cidade do Rio Grande. Atualmente, é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental – FURG. E-mail: [cahisfurg@yahoo.com.br](mailto:cahisfurg@yahoo.com.br).

<sup>4</sup> Bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente, é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental pela mesma instituição. E-mail: [cauecanabarro@yahoo.com.br](mailto:cauecanabarro@yahoo.com.br).

## **Introdução**

O presente artigo pretende ser um alerta para os educadores que, voltados para a questão indígena, encontram inúmeras dificuldades em abordar tal temática em sala de aula. Gostaríamos de propor aspectos que avancem para além da apresentação de parâmetros gerais sobre a cultura e as visões de mundo desses povos para, assim, salientarmos a existência de diferentes universos culturais que coabitam o mesmo espaço de tempo e lugar, dando aos nossos alunos a dimensão da diferença, não como uma coisa distante e pouco significativa para eles, mas como algo do seu cotidiano para, desse modo, rompermos a barreira do preconceito.

Um dos objetivos do curso de extensão “*A temática indígena na escola: discutindo práticas pedagógicas e saberes docentes*” foi proporcionar um espaço reflexivo, de diálogo e troca de saberes entre os docentes da rede estadual e municipal de ensino, bem como entre os docentes e discentes da Universidade Federal do Rio Grande. Os docentes que organizaram o curso, abrangendo um total de oito educadores, são de diversas áreas do conhecimento, incluindo a História, a Literatura, a Pedagogia, o Direito, a Arqueologia e a Educação Ambiental, o que consolida o seu enfoque interdisciplinar. Destaca-se, além disso, que o número aproximado de participantes foi de 38, incluindo educadores da rede básica da cidade do Rio Grande e graduandos dos cursos de licenciatura da universidade.

A temática indígena e os conflitos ambientais desse contexto constituíram os eixos principais de discussão, enfocando-se a reflexão, principalmente, sobre as problemáticas que perpassam a escola e a formação de professores, sobre os desafios e possibilidades que enfrentam atualmente. Diante da crise sócio-ambiental, a Educação Ambiental, no contexto de vivência das populações indígenas, surge como proposta de enfrentamento a esta conjuntura, demandando para um processo educativo que aponte para a possibilidade de fortalecermos nossa esperança e construirmos sonhos de mudança.

Como o curso se desenvolveu através de um enfoque interdisciplinar, foi imperativo que o debate crítico fosse aprofundado através da discussão de temas transversais que envolvem os processos educacionais, políticos, econômicos e identitários dos povos indígenas como: história indígena no Brasil, Educação Ambiental Formal e Não-Formal, arqueologia indígena, produção musical dos povos nativos, literatura e cinema. Portanto, foram abordadas temáticas que perpassam a cultura destes povos, trabalhando-as através do diálogo no grande grupo, baseando-se na leitura de artigos e resenhas relacionados ao assunto, bem como através das oficinas, com a reprodução de danças indígenas.

A metodologia do curso incluía o debate no grande grupo, palestras com a professora de História e arqueóloga Vanderlise Barão, sobre as culturas indígenas e as problemáticas que eles vivenciam na atualidade, além de leituras de artigos de autores como Carlos Alberto Ricardo, Eduardo Góes Neves, Dominique Gallois e Rosa Dias da Silva. Além disso, os educadores que organizaram o curso, organizaram oficinas sobre as danças e as músicas indígenas.

A metodologia foi estabelecida pelos professores que organizaram o curso. Entretanto, a sua construção estava aberta para sugestões de mudança que poderiam ser indicadas pelos participantes a qualquer momento do curso. Os encontros foram sempre abertos aos debates e questionamentos dos participantes, dando ênfase para que as pessoas trouxessem as suas dificuldades, e para que a partir das propostas do programa se criassem algumas atividades possíveis em sala de aula.

Assim, de 09 de outubro de 2007 a 27 de novembro de 2007, organizaram-se oito encontros semanais para discutir, criar atividades e aprender sobre as populações indígenas que habitam conosco o mesmo território nacional e que tanto estão presentes no nosso dia a dia, pois é desses povos que vêm a maior parte da nossa base cultural e os hábitos cotidianos. Podemos perceber que, na nossa cultura, possuem origens indígenas a nossa alimentação, o trato da terra, o cuidado com os filhos, as palavras do nosso vocabulário e os nomes de diversas regiões.

### **Reflexões sobre a prática docente: reconhecimento das percepções e leituras sobre as populações indígenas e a problemática ambiental**

Desenvolveremos no texto a seguir um relato das atividades realizadas no curso de extensão e as reflexões construídas junto aos educadores da rede pública estadual e municipal da cidade do Rio Grande, bem como junto aos graduandos dos cursos de Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande.

Assim, a partir do primeiro encontro, objetivamos resgatar as percepções dos educadores e dos estudantes sobre o indígena. Desse modo, propomos que os participantes descrevessem a imagem que possuem do índio através de desenhos, frases, palavras ou símbolos. Os participantes relataram a sua visão sobre o índio a partir dos desenhos que realizaram, refletindo as convergências e divergências de suas percepções. A grande maioria apresentava uma visão destas populações ainda atrelada à questão do meio ambiente,

percebendo o indígena como um ser ingênuo, puro, com vivências desvinculadas dos valores capitalistas.

Trabalhou-se, além disso, com o texto de Carlos Alberto Ricardo (1998), através de leituras e debate no grande grupo, onde foi possível apontar para a grande diversidade das populações indígenas existentes no Brasil, bem como as diferenças lingüísticas e culturais presentes dentro dessa ampla diversificação populacional. Dessa forma, tentamos romper com a idéia de “índio” , como sendo um único segmento de população dentro da sociedade brasileira e, trazendo para o debate, temáticas políticas e de categoria jurídica que implicam em tal distinção. Foram levantadas questões sobre a origem dessas populações na América, bem antes da conquista e depois dela, como também assuntos relacionados à política de integração, além de dialogar sobre a historiografia que omite a resistência dessas culturas e as identidades indígenas.

E por fim, neste primeiro encontro, baseando-se no texto de John Monteiro (1998), discutiu-se com o grupo a história indígena no Brasil como tema de pesquisa. Portanto, reforçamos o fato de haver uma ideologia na forma de escrever história e elencar quem devem ser seus protagonistas. Neste texto, Monteiro abre um panorama das pesquisas abrangendo a temática indígena e mostrando o quão recente são estas preocupações por parte dos historiadores.

Os participantes do curso destacaram que a história dos índios no Brasil sempre foi delegada aos antropólogos, e somente a eles deveriam demandar tal questão. Os historiadores não costumavam se dedicar a esta área de pesquisa e, por esse motivo, contribuíram para que os nossos livros didáticos trouxessem apenas vestígios parcos sobre a questão indígena no nosso país, colaborando para reforçar a idéia de que os índios teriam desaparecido do cenário nacional.

Essa discussão entre os educadores foi interessante para entender o quanto o preconceito velado foi disseminado e, até os dias de hoje, é difundido nas nossas escolas, na educação de base, pois se acreditamos que não há índios no país, quem seriam esses povos que aparecem nos jornais reivindicando direitos à terra, e quem seriam esses homens e mulheres que vemos nas estradas e nas ruas das grandes cidades vendendo seus balaios e pedindo esmolas? Esta foi uma das inquietações apresentada pelos professores.

A omissão sobre a situação social desses povos vem do desconhecimento sobre a sua existência e a sua posição dentro da sociedade brasileira. E as nossas escolas têm o importante papel de trabalharem para de reverter esse quadro, no sentido de formar cidadãos mais

conscientes e críticos das políticas públicas aplicadas às minorias, uma vez que essas políticas atingem suas próprias famílias e não só a dos indígenas distantes – que não estão tão afastados assim, já que muitos grupos vivem nas cidades ou próximas a elas e freqüentam as mesmas escolas.

No segundo encontro, indicou-se como leitura para discussão no curso, um texto de Eduardo Góes Neves (1998), que trata da questão arqueológica. O debate no grande grupo foi muito enriquecedor, discutindo-se a antiguidade das ocupações indígenas no território brasileiro no intuito de questionarmos as políticas aplicadas a territorialização dessas populações, já que estas seriam as reais donas destas terras.

Realizou-se a palestra “*Programa de Educação Waiãpi*”, proferida pela professora Vanderlise Barão, baseado no trabalho de pesquisa da antropóloga Dominique Gallois. O objetivo da palestra foi discorrer sobre o Programa de Educação Waiãpi, projeto iniciado em 1992 pelo CTI (Centro de Trabalho Indigenista)<sup>5</sup>, enfocando a política de formação de professores indígenas, tendo os índios Waiãpi, população que habita o estado do Amapá, como parceiros neste projeto. Porém, refletiu-se o perigo destes programas de natureza técnica quando suas metas não correspondem aos anseios e perspectivas destas populações.

Organizou-se, no terceiro encontro, uma proposta de reflexão sobre o resgate da imagem do indígena presente nos livros didáticos utilizados nas escolas públicas da rede estadual e municipal de ensino, utilizando livros datados a partir de 1998 até a atualidade. Os participantes se organizaram em grupos e formularam as suas reflexões críticas sobre o conteúdo presente tanto nos textos, quanto nas imagens que dizem respeito ao indígena.

A partir da análise dos livros e do debate crítico, os participantes do curso perceberam que existe a ausência do índio nos livros didáticos e, quando ele está presente, ocorre a imagem de um ser mitificado, como parte indissociável de um meio ambiente selvagem, de cultura impenetrável pelos interesses e valores capitalistas. Os educadores destacaram que, no discurso presente nos livros, os verbos se encontram sempre no passado,

---

<sup>5</sup> O Programa de Educação Waiãpi atende a uma reivindicação dos índios Waiãpi, cujas terras se localizam no Estado do Amapá: o desejo de aprender “coisas dos brancos”. Assim, o objetivo deste programa é instrumentalizar os jovens indígenas para a aquisição de conhecimento e controle de técnicas que estão em domínio de não-índios como, por exemplo, poderem ministrar aulas às crianças indígenas, instrumentalizá-los para poderem estabelecer um melhor controle das relações com o governo, com os missionários e com a população regional, compreenderem e utilizarem com eficiência os instrumentos jurídicos para a defesa do seu território. Por solicitação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amapá foi organizado, em 1991 e 1992, um Núcleo de Educação Indígena (NEI), o qual atua na organização do Programa de Educação Waiãpi. Seriam contratados professores estaduais para atuarem na educação escolar indígena e formação de professores indígenas para atuarem nas aldeias Waiãpi. Fonte: [www.rbep.inep.gov.br](http://www.rbep.inep.gov.br).

reforçando a idéia de um índio que existiu somente na época da conquista européia, pois não é tratado como parte integrante da evolução histórica do Brasil.

Os professores de História destacaram que essa característica se percebe, principalmente, nos livros didáticos de História que tratam do indígena somente no período da invasão portuguesa. Além disso, o homem branco é mostrado sempre como um ser de cultura superior. O índio é mostrado como um ser apaziguado, o “bom selvagem”, que não faz guerras, o ser humano benevolente que deseja somente a paz. A sua imagem está relacionada a certos símbolos como as penas, as tangas e as pinturas no corpo.

Procurou-se no quarto encontro trabalhar a questão do uso do cinema em sala de aula, como explorar seu conteúdo, fazendo com que os alunos consigam refletir criticamente a respeito dos povos indígenas e dos problemas que eles enfrentam na sociedade atual. O primeiro filme trabalhado no curso foi *O último selvagem*, baseado numa história real de 1911, na Califórnia/USA. O filme mostrava o encontro de um último remanescente de uma tribo indígena que fora dado por extinta, e que passa a conviver com a sociedade norte-americana, sob a proteção de um professor do Museu de Etnologia da Universidade de São Francisco. No entanto, este homem – o índio – custa a se adaptar aqueles novos hábitos, ao mesmo tempo, que o professor começa a questionar-se sobre a validade dos estudos acadêmicos até então realizados.

Os participantes enfatizaram que o filme em questão seria mais adequado a uma turma do ensino médio, já que se trata de um drama. O filme trouxe abordagens para serem refletidas nos dias atuais, quando trata da dificuldade de contato entre estas populações e a “civilização branca”, como os próprios índios se referem, além de tratar do processo de aculturação. Outra importante questão que foi destacada por eles está relacionada ao papel das pesquisas acadêmicas que, em certos momentos, pautam suas investigações a partir de seus interesses quando, na verdade, deveriam cumprir a função de fornecer subsídios para as lutas e reivindicações dos índios.

Trabalhou-se, através de palestra com a professora Vanderlise Barão, o enfoque histórico do choque entre culturas no período da conquista, assunto abordado no filme. Assim, o objetivo seria tratar sobre a dizimação dos povos originários e o processo de escravização indígena com o objetivo dos participantes compreenderem os impactos do processo de colonização nessas populações, especialmente em relação à conquista portuguesa no Brasil. O objetivo constituiu em debater temáticas que refletissem tanto o processo histórico de aculturação, escravização e aniquilamento das populações indígenas, quanto refletir o

contexto atual destas comunidades, enfocando o processo atual de organização política, de ocupação da terra e dos usos dos recursos naturais. Destaca-se, neste sentido, a importância do campo metodológico e epistemológico da Educação Ambiental na discussão das problemáticas vinculadas aos povos indígenas na atualidade. Sendo assim, são estes povos que sofrem diretamente com o processo de degradação ambiental, especificamente, com o aumento da devastação das florestas tropicais e subtropicais a partir do avanço da exploração da pecuária extensiva, com o assoreamento e contaminação dos rios devido ao uso de agrotóxicos, com a desapropriação de terras indígenas, com o avanço do cultivo de soja e arroz, fato que contribui para o crescimento do processo de desertificação, entre outros inúmeros fatores que caracterizam a crise sócio-ambiental dos dias atuais.

A Educação Ambiental, neste sentido, deve suscitar processos educativos direcionados para a problematização crítica do contexto em que vive a comunidade, para a necessidade de promover mudanças nas suas formas de mobilização e organização, gerando processos participativos, de modo que impulse a intervenção na sua relação com o governo e a iniciativa privada, bem como estimule interferências nas políticas públicas. Desse modo, “[...] é preciso ir além e explicitar as opções, fazendo com que as nossas ações se traduzam em escolhas e atitudes claras e em efeitos coletivos e sociais” ( LOUREIRO, 2004, p. 48).

No quinto encontro a organização do curso propôs assistir ao filme ‘*Tainá 2: a aventura continua*’ e refletir o uso do cinema em sala de aula, de modo que seja explorado o debate crítico sobre questões que o filme abordava. A proposta seria utilizar este filme em uma turma do ensino fundamental, séries iniciais, pois é uma história que explora a imaginação do universo infantil.

Neste dia, a proposta consistia em propiciar uma discussão compartilhada, com a intenção de que os participantes do curso relatassem suas impressões sobre o filme, explorando a crítica de temas que se salientaram na história e estabelecendo uma reflexão com o conteúdo trabalhado até o momento. Portanto, neste dia, a atividade tinha como objetivo romper com a metodologia das palestras, estimulando a troca de saberes entre os participantes do curso, instigando-os a expressarem suas reflexões.

O filme ‘*Tainá 2: a aventura continua*’ explorou a imagem do indígena selvagem, completamente isolado, sem estabelecer relações com os outros povos. Certamente, consideramos a existência de populações indígenas que ainda vivem isoladas das zonas urbanas, especialmente, aquelas que se encontram na região amazônica. Mas, torna-se necessário enfatizar que o contato com a sociedade é uma das necessidades que estes povos

reivindicam atualmente, faz parte de uma luta pelo reconhecimento e valorização de sua identidade.

Os educadores que participavam do curso enfatizaram que este filme não é adequado para explorar o tema “sociedades indígenas”, já que está focado, principalmente, para o contrabando de animais silvestres do que para a discussão da problemática indígena. Com relação à idéia de desmistificar a imagem do índio, percebe-se que este filme apresenta todos os estigmas e estereótipos do indígena que, até então, tentamos combater.

Além disso, os participantes destacaram que não seria um bom material para uso em sala de aula, principalmente, para tratar o assunto em questão. Entretanto, o filme deve estar vinculado a uma leitura e discussão sobre a história e cultura indígenas em sala de aula. Assim, o educador deveria, antes de assistir ao filme com os alunos, propor-lhes trabalhos de pesquisa, aulas expositivas e com tarefas práticas, que as aproximassem da diversidade cultural e das diferenças e proximidades que teriam com as sociedades indígenas, principalmente com a infância indígena.

O que predomina, portanto, é uma percepção estática da sociedade, o que revela um desconhecimento sobre as populações indígenas e sua história, como coloca Eduardo Neves (1998, p. 171): “A imagem das sociedades indígenas comum ao público em geral é estática: indivíduos vivendo em pequenas aldeias isoladas na floresta, representando um passado remoto, uma etapa evolutiva de nossa espécie. Enfim, populações sem história”.

Organizou-se no sexto encontro uma dinâmica em que os participantes deveriam se dividir em grupos para elaborarem um plano de aula para a 5ª e 6ª séries, outro para a 7ª e 8ª séries e um terceiro plano para o Ensino Médio utilizando a música brasileira que remete à questão indígena. Destacou-se que se deveria explorar tanto a letra, quanto as melodias das músicas.

As músicas utilizadas para se pensar a elaboração dos planos de aula foram indicadas pelos professores que organizaram o curso de extensão, sendo as seguintes: Índios (Legião Urbana); Índios Adeus (Almir Sater) e Um Índio (Zé Ramalho).

Os participantes destacaram que, para o Ensino Fundamental, seria interessante trabalhar as músicas em sala de aula utilizando a expressão corporal; também através de colagem de revistas e pintura; produção de cartazes, procurando representar no pôster a mensagem que a música procura passar em relação ao índio.

Para o Ensino Médio, os participantes trabalharam com a possibilidade das letras das músicas serem exploradas, relacionando-as ao contexto atual do índio na sociedade brasileira,

nesse caso, a proposta seria estimular o debate. Além disso, poderia ser trabalhado o choque de discursos, através de leituras de manchetes de jornais e revistas, procurando estabelecer convergências e divergências entre as visões predominantes na imprensa em relação ao indígena.

Iniciaram-se as atividades no sétimo encontro, organizando-se uma dinâmica em que os participantes deveriam reproduzir o *Xongarô*<sup>6</sup> (a dança dos guerreiros). Logo após, realizou-se uma palestra com a professora de História e Arqueóloga Vanderlise Barão que explicou o sentido da música e da dança para as populações indígenas. Logo após, foram trabalhadas algumas músicas dos seguintes grupos indígenas: Mbya'–Guarani, de Santa Catarina; grupo de canto e dança Nhãmandu Mirim; grupo Mande Reko Arandu. Explorou-se nesta oficina, portanto, a expressão corporal e a sonoridade, o sentido de experimentar diferentes sons.

A palestrante enfatizou que o índio recebe a música pelos sonhos noturnos, os quais são premonições. Através do *sonho noturno* os indígenas estabelecem uma relação com o sobrenatural, com os seus antepassados. Muitas migrações de populações indígenas são realizadas porque foram mensagens recebidas em sonhos. As rotas dos *Guarani*, por exemplo, são recebidas pelo sonho. Portanto, os *sonhos noturnos* fazem parte da construção do cotidiano das populações indígenas.

As mulheres indígenas possuem um papel ativo nos rituais de canto e dança. Tocam um instrumento denominado *Tapapu* (feito com uma taquara que bate no chão para reproduzir som). Muitos instrumentos são genuinamente indígenas, outros foram trazidos pelos portugueses, como o violão que eles denominam de *Bacará*, e o violino que chamam de *Rabeca*. Também é mais comum entre os indígenas utilizarem o *Tambor* e o *Bacará*, uma espécie de chocalho de porongo.

Atualmente, os indígenas percebem na música um instrumento de luta e diálogo com outras populações, constitui uma possibilidade da sociedade nacional conhecer mais sobre a sua cultura. Suas letras falam muito das relações com os deuses, com a terra, com a água e o mar. Para os índios, a música representa a palavra ritualizada, transformada em canto. Os povos Guarani, por exemplo, cantam em todos os momentos do dia, inclusive as crianças.

---

<sup>6</sup> De acordo com a professora palestrante Vanderlise Barão, o *Xongarô* é um ritual de dança e canto realizado todos os dias antes de entrarem na casa de reza. Ele é necessário para poderem rezar e receberem os sonhos.

O curso foi encerrado retomando alguns aspectos que foram trabalhados ao longo das palestras e oficinas. Priorizou-se neste dia a opinião dos participantes, o que aprenderam no curso, o que possibilitou refletirem a respeito do indígena em sua relação com a sociedade.

Um dos objetivos neste dia era resgatar a percepção dos participantes sobre o indígena antes do curso e o que mudou, depois que o realizaram. A grande maioria relatou que, anterior à realização do curso, a imagem que possuíam sobre o índio era uma imagem mitificada que remonta ao período do processo de conquista: o índio isolado, com vestimentas predominantes no referido período, que sobrevive da caça e da pesca. Mas também questionamos essa floresta mitificada, com uma biodiversidade suficiente para alimentar essas populações. Diante da crise ambiental, com a destruição das florestas, contaminação do solo e da água, a imagem deste indígena que sobrevive da caça e da pesca se encontra somente nos livros de história.

### **Considerações finais**

Através de oficinas e palestras, procurou-se estimular o diálogo reflexivo, trabalhando através de uma abordagem interdisciplinar a Educação Ambiental, a História, a Antropologia, a Música e a Literatura. As problemáticas que atingem a escola e a formação de professores integraram as discussões e reflexões sobre os povos indígenas, especialmente, em relação à necessidade da escola indígena estar fortalecida, a importância de atender à reivindicação dos índios, de fomentar políticas de formação de professores indígenas capacitados para exercerem a profissão do magistério em suas próprias escolas, além de procurar abordar a questão da valorização da sua cultura e história nos dias atuais.

É importante salientar o papel que tem a cumprir a Educação Ambiental no despertar para a importância destas populações, de sua história, cultura e visão de mundo, na construção de uma sociedade mais justa e comprometida com uma relação menos destruidora do meio ambiente. Neste contexto, o debate crítico deve ser um exercício permanente: problematizar a intencionalidade dos discursos, a compreensão teórica e a visão de projeto de sociedade presentes nas diferentes orientações e compreensões da questão ambiental e suas problemáticas. Desse modo, é papel da Educação Ambiental promover o embate de idéias, o diálogo crítico e desvelador dos conflitos, como afirma Loureiro:

A educação, por ser uma prática social, expressa o modo como nos organizamos e vivemos em sociedade, como nos compreendemos como ser da natureza e, simultaneamente, manifesta e potencializa os questionamentos e reflexões sobre a realidade, num processo de crítica e auto-crítica, de ação política e de conscientização coletiva. Logo, é parte constitutiva da Educação Ambiental buscar entender e atuar no campo dos embates de idéias, dos conflitos sociais, assumindo

posições, contrapondo tendências que buscam se afirmar hegemonicamente, num contínuo movimento de aprendizagem, de viabilização de novos patamares societários e civilizacionais (LOUREIRO, 2004, p. 141).

Podemos afirmar que a escola ainda trabalha com uma concepção mitificada do indígena, relacionando-o à imagem de populações isentas da influência dos valores capitalistas, enfim, afirma-se uma imagem do indígena selvagem, estritamente relacionado a uma natureza preservada. E esta percepção se reflete no trabalho desenvolvido pelos educadores na escola, conforme relato dos próprios participantes do curso.

Assim, os educadores que participaram do curso, em seus relatos, enfatizaram que a maioria dos educadores ainda destaca os indígenas como sujeitos desvinculados da cultura e valores da sociedade urbana capitalista. E esta visão é reforçada através dos livros didáticos trabalhados nas escolas e nos filmes e músicas exploradas pela mídia. Como exemplo, os professores colocaram que o indígena somente é trabalhado nas escolas no Dia do Índio, sendo necessária uma reflexão a respeito da importância desta temática ao longo do ano letivo, sendo assim, não restringindo a abordagem do assunto somente em datas comemorativas.

Além disso, os educadores destacaram a importância de conhecer o contexto cultural do educando ao abordar uma temática em sala de aula, ou seja, os programas dos quais eles entram em contato para formarem a sua opinião a respeito de um assunto. No caso da temática indígena, enfatizaram a importância dos educadores terem conhecimento, por exemplo, dos programas, desenhos e filmes que os alunos têm contato no cotidiano, pois, a partir desta perspectiva, os professores irão explorar as imagens e estereótipos abordados neste universo midiático a partir de um enfoque crítico.

Destaca-se ainda, que um dos pontos destacados ao longo dos debates se refere à temática da Educação Ambiental e sua relação com a preservação cultural das comunidades indígenas. Os participantes destacaram que estas populações sofrem diretamente com os problemas ambientais globais, por esse motivo, a Educação Ambiental deve aprofundar a reflexão crítica sobre os processos degeneradores de seus ambientes de vida: agricultura transgênica, contaminação dos solos e água, concentração de terras, destruição da biodiversidade das florestas, sendo a problematização desta temática um compromisso que deve ser assumido pela escola. Destaca-se que estes povos, em seu modo de vida, na relação específica que estabelecem com o meio ambiente, podem ser uma referência para o desenvolvimento de outra consciência sobre a natureza que possibilite negar a visão mercantilista, da lógica do lucro e do desperdício presente na ordem econômica dominante.

## REFERÊNCIAS:

- GALLOIS, Dominique Tilkin. Programa de educação Waiãpi: reivindicações indígenas versus modelos de escolas. In: SILVA; FERREIRA. *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global, 2001.
- LEFF, Enrique. *Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LOUREIRO, Calos Frederico. *Trajetória e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.
- LUZ, Lúcia Izabel da. Fontes de informação sobre populações indígenas no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da. *A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva. *Reescrevendo a história do Brasil*. In: SILVA, Aracy Lopes da. *A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- MACEDO, Ana Vera L.; FARAGE, Nadia. Construção de histórias. Ensino de história: algumas propostas. In: SILVA & FERREIRA. *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global, 2001.
- MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA & GRUPIONI (org). *A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA et al (org). *A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- RICARDO, Carlos Alberto. “Os índios” e a sociodiversidade nativa contemporânea no Brasil. In: SILVA et al (org). *A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.
- SILVA, Rosa Helena Dias da; BONIN, Iara Tatiana. Educação, escola e autonomia indígena: um diálogo possível e necessário. In: *Textos e Pretextos*. Revista da Articulação Nacional de Educação – ANE - CIMI, publicação anual. Ano II, n.2, abril de 2002.
- SILVA, Aracy Lopes da. *Nem taba, nem oca: uma coletânea de textos a disposição dos professores*. A questão indígena na sala de aula: subsídios para professores de 1º e 2º graus. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TASSINARI, Antonella Maria I. Sociedades indígenas: introdução ao tema da diversidade cultural. In: SILVA et al (org). *A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.

VIDAL, Lux B.; SILVEIRA, Luis Fabio; LIMA, Renato Gabam. A pesquisa sobre a avifauna da bacia do Uaçá: uma abordagem interdisciplinar. In: SILVA; FERREIRA. *Práticas pedagógicas na escola indígena*. São Paulo: Global, 2001.

VIDAL, Lux B.; SILVA Aracy Lopes da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA et al (org). *A temática indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. São Paulo: MEC / MARI / UNESCO, 1998.